

13 Set 1880. Jornal de Notícias, Porto

**BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE**

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Jornal de Notícias

Local Porto Data 13/09/82 Série \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Primeiro centenário da morte de António Rodrigues Sampaio

# PERDIDO QUASE TODO O ESPÓLIO DO PATRIARCA DA IMPRENSA!

Por FRANQUELIM NEVA SOARES \*

A partir da Regeneração e da sua estabilidade na vida como parlamentar, conselheiro do Tribunal de Contas e ministro, se a aura popular de Rodrigues Sampaio diminuiu bastante, subiu-lhe o prestígio, concedendo-se-lhe honrarias e dedicatórias de livros, como Camilo Castelo Branco em «A queda de um anjo»; em 1852 foi eleito presidente do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, função que desempenhou por dez anos, passando depois a ser seu presidente honora-

rio; em 1878 foi nomeado par do reino; em 1880 presidiu na Sociedade de Geografia às festas comemorativas do terceiro centenário da morte de Luís de Camões; criando-se em 1881, na capital, a Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses de Lisboa, Sampaio foi sócio-fundador e nomeado seu presidente honorário; era ainda presidente da Associação do Mealheiro das Viúvas e Órfãos dos Operários que Morreram de Desastre no Trabalho; no ano da sua morte foi ainda presidente da comissão encarre-

gada da celebração do primeiro centenário da morte do Marquês de Pombal.

Quanto a condecorações, teve quatro pelo menos: por volta de 1834 o hábito da Torre e Espada ganho por ter exposto a vida num combate no Soajo; a sua acção relevantíssima durante a febre amarela, que assolou a capital nos finais de 1857, mereceu-lhe do governo de Anselmo Braamcamp a concessão, em 14 de Agosto de 1862, de um grau na antiga e mui nobre ordem da Torre e Espada do valor, mérito e lealdade; no primeiro de De-

zembro de 1875 foi-lhe concedida licença para aceitação da condecoração estrangeira da grã-cruz da ordem do Leão Neerlandês; finalmente, em 28 de Setembro de 1881, foi nomeado comendador da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, mérito e lealdade, e elevado conjuntamente à dignidade de grã-cruz da mesma ordem.

Rodrigues Sampaio teve vários ataques de doença chegando a tratar-se em Paris, de litotripsia (esmagma-mento de cálculos); um foi em 1876; outro, cerca de um



O monumento existente em Esposende é um dos pouquíssimos marcos que se ergueram à memória do que é considerado o patriarca da Imprensa portuguesa.

mês, em 1879, o qual o levou a fazer testamento em Lisboa a 27 de Março; e o último em 1882, poucos dias antes do seu falecimento, em 13 de Setembro, por volta das 10-11 horas da manhã, de pneumonia adinâmica, na sua casa de descanso na Rua do Roseiral, em Sintra.

O seu falecimento inesperado causou admiração e surpresa não só na roda dos seus amigos e no seio do Partido Regenerador como na capital e em todo o país. Toda a Imprensa e todos os

políticos, esquecidos rivalidades, malquerenças e ódios, se congregaram para homenageá-lo nas exéquias na igreja de Santa Isabel e no funeral para o cemitério dos Prazeres, em Lisboa, cujos restos mortais jazem num jazigo emprestado por não caberem no seu, o do general de brigada José Estêvão de Morais Sarmento, sito na rua 5 no lado esquerdo e com o n.º 2221. Os convites para o funeral vieram de vários organismos, inclusive do Grande Oriente Lusitano Unido, que nunca lhe deve ter perdoado o seu testamento e funeral de bom católico, apostólico romano. Junto do jazigo fizeram-lhe três elogios fúnebres: o primeiro por Eduardo da Costa em nome de «A revolução de Setembro», o segundo por Carlos de Oliveira em nome da Imprensa da Beira e o terceiro por D. Nicolau Dias y Perez, jornalista espanhol, em nome da Imprensa e dos literatos do país vizinho.

A sua morte repercutiu-se em quase todo o país e nas ilhas, onde se lançaram nos livros das actas das câmaras municipais actas de sentimento, a maioria publicadas em «A Revolução de Setembro». Houve comemorações importantes no trigésimo dia, sobretudo em Lisboa e no Porto, onde se criou a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, ainda hoje sobrevivente. No ano seguinte a Câmara dos Deputados votou unanimemente um voto de pesar e a construção na freguesia da sua naturalidade, em sua homenagem, da Escola de António Rodrigues Sampaio, que, após várias vicissitudes, foi transferida para a vila de Esposende.

Aquando do segundo aniversário da sua morte, lançou-se a ideia de um simples mas condigno mausoléu no cemitério dos Prazeres para guarda dos seus restos mortais por subscrição pública — iniciativa que não vingou por falta de adesão e creio que por oposição silenciosa mas eficaz de certas organizações.

A sua memória foi esquecendo com o volver das décadas até 1906, embora se tratasse de figura de primeira importância no seu tempo e de distinto e castiço escri-

tor, que ombreava com Feliciano de Castilho, Ramalho Ortigão, Vieira de Castro, Herculano Pinheiro Chagas, Latino Coelho e outros. Sendo ele predominantemente jornalista, a sua literatura está orientada para o momento fugaz, para o passadiço, para as grandes querelas do momento, sem obras de fundo que o impusessem à posteridade. Para cúmulo das desgraças esse mal foi agravado com a falta de estudo do jornalismo em Portugal.

Em 1906 comemorou-se o centenário do seu nascimento, de que só houve importância e projecção em Esposende; editou-se nessa ocasião o opúsculo «Homenagem à memória de António Rodrigues Sampaio, prestada em Esposende», de que há duas edições, com colaboração de alguns jornalistas do Norte. Ao mesmo tempo lançou-se a ideia de um monumento na vila do seu concelho fazendo-se uma subscrição pública. Daí resultaram avultados donativos, com que se erigiu o actual monumento no largo principal de Esposende, a que se deu no nome do eminente jornalista. Foi autor do projecto Manuel José Gonçalves Viana, professor de Desenho e Arquitectura, director da Escola Industrial Príncipe Real e pai do polígrafo Mário Gonçalves Viana, ligado também a Esposende. O autor do busto foi o escultor lisboeta José Moreirá Rato Júnior. Pena é que se tenha retirado do monumento o primitivo mas belo gradeamento de ferro, que tão bem o rematava, e que se substituiu por uma pequena e inestética parede de granito da região.

Alguém lançou, por essa

ocasião, a ideia da criação de um museu consagrado ao patriarca da Imprensa, ideia que não vingou, quando ainda havia memória das pessoas, se conservavam muitas e preciosas relíquias e viviam muitos dos seus amigos e familiares. E foi pena não se ter concretizado tal ideia! Desde então para cá tudo se foi destruindo e desmoronando: a casa do seu nascimento, a que alguém pôs sérias dúvidas mas creio sem razões bastantes, sofreu mutilações com uma estrada e outras que a desfiguraram completamente; outro tanto aconteceu com a sua biblioteca, vendida em leilão público sem catálogo na sua antiga residência na Rua de S. Bento, em Lisboa; tudo o mais ligado à sua vida foi-se destruindo e perdendo da memória dos homens, para o que concorreu imenso o desastre conjugal que atingiu o casal da sua herdeira e neta adoptiva. Que haja, ao menos, o bom senso de conservar-se o fraco e paupérrimo espólio que ainda sobrevive, nomeadamente o catecismo por onde aprendera que um descendente me ofereceu e que conservo com toda a veneração.

Colaborador, JN